

7 Heróis de papel

A inspiração para este trabalho veio de uma questão: se a mídia constroi imagens de profissionais, que imagem construirá de si mesma? Quando projeta uma imagem para uma outra categoria profissional, como a de professor, a mídia está falando de terceiros; mas ao projetar uma imagem para o jornalista, está, como foi considerado aqui, falando de si mesma. Este trabalho teve como proposta fazer uma leitura dessa imagem, ou autoimagem, construída pela imprensa. Usar a Linguística de Corpus foi uma opção que permitiu trabalhar com grande quantidade de textos, de forma a generalizar mais essa leitura.

Além da leitura da imagem em si, outro desafio norteou este trabalho. Partindo da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), foi escolhido o sistema da Transitividade como base para a análise, já que é esse o sistema que vê como a realidade é construída. Portanto, pareceu interessante verificar como se constroi essa imagem através da Transitividade. Essa análise esbarrou em obstáculos: primeiro, a análise proposta por Halliday tem como base a língua inglesa, e teve de ser adaptada para a língua portuguesa; segundo, a língua em uso, como é estudada pela LSF e neste trabalho, é por natureza fluida, mesmo na variação escrita, o que leva o pesquisador a enfrentar desafios na classificação, por exemplo, de expressões elípticas, complexos nominais, verbais e oracionais; terceiro, justamente por basear-se na identificação e classificação de funções exercidas pelos elementos no texto, a análise esbarra no uso naturalmente metafórico da língua. As dificuldades foram enfrentadas, e o trabalho chegou a alguns resultados.

Um desses resultados foi a demonstração de que, embora profissionalmente o jornalista acate a definição de que deve transmitir fatos, sendo isento e não expressando opinião, na prática não se pode ser apenas um observador imparcial da realidade. As escolhas linguísticas feitas no momento da escrita revelam o posicionamento do jornalista com relação ao seu assunto; neste caso, foi possível extrair das notícias de jornal uma imagem idealizada da profissão de jornalista.

Foram estudados dois momentos específicos: o primeiro mês da invasão do Iraque pelos EUA, em 2003, e a Copa do Mundo de 2006. A escolha desses dois momentos foi justificada pelo alto número de notícias sobre jornalistas neles concentrado; embora sejam dois contextos de exceção, acreditamos que as conclusões obtidas com relação à imagem projetada do jornalista sejam válidas para quaisquer outros momentos. Uma nova pesquisa sobre essa imagem em outros períodos poderia ser trazer respostas interessantes.

Outra pesquisa que poderia contribuir para a investigação da imagem do jornalista seria uma análise das colocações da palavra “jornalista(s)”, que não foi feita neste trabalho. A presença de grupos nominais como “fãs, jornalistas e jogadores”, “torcida, jornalistas e vips”, “jornalistas e cidadãos”, “jornalistas, militares, recém-chegados do exílio e um punhado de espões” e “governantes, soldados, milicianos, moradores e jornalistas estrangeiros”, por exemplo, sugere possibilidades interessantes para uma pesquisa futura.

Outra possibilidade também interessante seria uma comparação entre os termos usados para designar o jornalista: vimos neste trabalho resultados para a palavra “jornalista(s)”; seriam esses resultados os mesmos para a palavra “repórter(es)”? Que processos são associados aos termos mais genéricos de referência a essa atividade profissional, como “reportagem(ns)”, “jornalismo”, “imprensa” e “mídia”?

Como qualquer outro ser humano que escreve ou fala, o jornalista que redige uma notícia faz escolhas linguísticas. Uma análise dessas escolhas, feita a partir de um texto publicado, pode revelar muito sobre o que pensa o autor daquele texto. Esse foi o princípio que norteou a análise feita neste trabalho, que procurou identificar, a partir de notícias de jornal sobre jornalistas, como é a imagem que a imprensa projeta de si mesma. Walty (1999) comenta, sobre um repórter que escreve uma notícia, que este pode optar entre manter o discurso direto dos envolvidos ou usar o discurso indireto; a opção por este último não anula as falas dos envolvidos, mas as absorve na fala do repórter, “responsável direto pelo enunciado da notícia e pela sua enunciação” (Walty 1999, p. 41). Em outro momento, ela afirma: “Ao falar de si, o narrador [autobiográfico] já é um personagem, ou seja, um ser de papel.” (Walty 1999, p. 43). Unindo as duas afirmações, podemos questionar até que ponto o repórter que relata falas de terceiros não está, também, falando sobre si mesmo, constituindo-se um ser de papel?

Tendo como período de estudo a Copa do Mundo de 2006 e a invasão do Iraque em 2003, e como elemento de análise a figura do jornalista que cobre esses eventos, delineiam-se no corpus escolhido duas figuras: a do jornalista-torcedor-provocador, empenhado em realizar sua missão profissional e ao mesmo tempo defender o sucesso de sua seleção, e a do jornalista-correspondente-herói, comprometido com a verdade da guerra e a necessidade de informar sobre os fatos, enfrentando todo tipo de perigo para realizar sua tarefa.

Não a estrela, mas um coadjuvante imprescindível; preso à neutralidade por obrigação profissional, mas dotado de opiniões e reações como qualquer ser humano; questionador, provocador, incômodo por ocupação e vocação, e ao mesmo tempo torcedor dedicado e emocionado de sua seleção: assim é o jornalista-torcedor-provocador configurado nas páginas dos jornais.

A imagem do jornalista-correspondente-herói que aparece no corpus é de uma figura heroica, que cumpre seu dever até diante da morte. Um verdadeiro mártir da causa da informação. Por outro lado, este ser mítico é também uma criatura frágil, que precisa ser protegida. Exposta às intempéries da boa vontade do poderes constituídos, ora conta com a proteção e colaboração do exército, ora serve de alvo para tiros de canhão. Mas não deixa de lado sua obrigação profissional.

A análise feita neste trabalho verificou características bastante definidas da imagem do jornalista projetada no corpus. O jornalista, por definição, é aquele que transmite os fatos, de maneira isenta e sem expressar sua opinião; também por definição, ele é o observador imparcial da realidade. Mas, no corpus usado neste trabalho, esse suposto observador se torna protagonista dos fatos. Paradoxalmente, quem vai relatar esses fatos é outro jornalista, que deverá ser o observador imparcial da realidade que aconteceu ao colega. Em seu texto, cada escolha, tanto lexical ou discursiva, demonstra seu posicionamento em relação à narrativa que faz. Unindo os dois períodos analisados, surge uma única imagem: a do profissional dedicado, consciente, que busca incessantemente a notícia e não esmorece diante de dificuldades, e que revela sua humanidade em questões chave que vão além do racional: a paixão por seu time e a tensão diante da morte. Um verdadeiro herói de papel.